

Paisagens tipográficas - lendo as letras nas cidades

Typographic landscapes – reading the letters in the cities

Palavras chaves: paisagens tipográficas, epigrafia, tipografia paulistana

Este artigo apresenta e discute algumas aplicações de conceitos fundamentais da epigrafia ao estudo da tipografia na paisagem urbana. A epigrafia insere-se na arqueologia, e mais precisamente na paleografia. Estuda as inscrições, a escrita antiga em material resistente (pedra, metal, argila, cera, etc.), incluindo sua decifração, datação e interpretação. O artigo propõe a aplicação de procedimentos da epigrafia ao estudo de inscrições modernas contendo o nome de arquitetos e construtores, encontradas nas fachadas de edifícios do centro histórico de São Paulo. Demonstra-se, assim, como estes conceitos podem ser aplicados ao desenvolvimento de métodos mais precisos de levantamento, sistematização, e catalogação de dados, que podem ser adotados na pesquisa em design da informação.

Keywords: typographic landscapes, epigraphy, São Paulo typography

This paper presents and discusses some applications of fundamental concepts from epigraphy to the study of typography in urban landscape. Epigraphy is part of archaeology, more precisely of the field of palaeography. It studies inscriptions, ancient writing on enduring materials (such as stone, metal, clay, wax.), including deciphering, dating and interpretation of their messages. The paper proposes the application of epigraphic procedures to the study of modern inscriptions, figuring the names of architects and constructors found on the façades of buildings in São Paulo city historical centre. It demonstrates, therefore, how those concepts may be applied to the development of more precise methods of data gathering, systematization and cataloguing, that may be adopted in information design research.

Introdução

Este artigo apresenta e discute algumas aplicações de conceitos fundamentais da epigrafia ao estudo da tipografia na paisagem urbana. A epigrafia insere-se na arqueologia e mais precisamente na paleografia. Estuda as inscrições, a escrita antiga em material resistente (pedra, metal, argila, cera, etc.), incluindo sua decifração, datação e interpretação.

O atual enfoque dado à epigrafia no trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido pelo projeto "Paisagens tipográficas - leituras do ambiente urbano através do letreiramento e da tipografia" (PAT) têm dois objetivos fundamentais: uma melhor compreensão da tipografia e do letreiramento enquanto informação histórica e cultural, e o aprimoramento do registro, sistematização e catalogação dos dados encontrados. Este projeto (PAT) parte um projeto anterior, desenvolvido desde 2003 pelo grupo de pesquisa Tipografia Arquitetônica, intitulado "Tipografia Arquitetônica Paulistana" (TAP). Tais pesquisas estão sendo desenvolvidas por professores, pesquisadores e alunos bolsistas do Centro Universitário Senac em parceria com a Unicamp.

A pesquisa "Tipografia Arquitetônica Paulistana" entende o elemento tipográfico como elemento arquitetônico e, assim, integrado à linguagem do edifício. Em São Paulo, existe um conjunto significativo de elementos tipográficos incorporados à arquitetura que vem sendo estudado e sistematizado pelos pesquisadores. Os exemplos analisados podem ser encontrados em uma área restrita do centro da cidade de São Paulo, conforme o esquema apresentado na figura 1.

O levantamento destes elementos, que em um primeiro momento esteve focado na inserção do nome do edifício na portada, logo se ampliou para as inscrições gravadas nas rochas de revestimento ou fachada e outras inserções, tais como números de logradouro e caixas de correio.

As inscrições gravadas em rocha foram descritas pelo grupo de pesquisadores como “epígrafes arquitetônicas”. Elas identificam o arquiteto ou engenheiro autor do projeto, ou a construtora que executou a obra, e, em alguns casos, a data da construção.

Figura 1: Mapa (sem escala) com recorte espacial da pesquisa, dentro da região central da cidade de São Paulo, cujos limites são: Largo S. Bento, Pátio do Colégio, Praça João Mendes, Rua Riachuelo, Rua Dr. Falcão, viaduto do Chá, Rua da Consolação, Av. São Luiz, Av. Ipiranga, Largo Paissandu, Av. São João.



Sabe-se que o costume de gravar textos em rochas é tão antigo quanto a própria história da escrita. Dentro da arqueologia, mais precisamente na paleografia, a área que se ocupa dos estudos destas gravações é conhecida como epigrafia. Os estudos arqueológicos da epigrafia, contudo, costumam dedicar-se mais ao registro e compreensão do conteúdo dos textos do que com a forma e a disposição das letras gravadas. Para o enfoque no âmbito do design, todos estes aspectos são relevantes e imprescindíveis para a leitura da paisagem urbana.

Lendo a paisagem urbana

Segundo Kevin Lynch (1988), pode-se dizer que a identidade visual, estética e cultural das cidades é formada, entre outras coisas, por seus elementos gráficos. Estes funcionam tanto como indicadores de fluxos urbanos (wayfinding), quanto como marcos que identificam e nomeiam pontos da cidade, auxiliando na definição de sua estrutura informacional. As letras e números que encontramos no ambiente urbano podem ser entendidos como parte do discurso identitário e comunicativo da cidade.

"Paisagem tipográfica" seria, então, a paisagem formada por um subconjunto de elementos gráficos presentes no ambiente urbano: os caracteres que formam palavras, datas, e outras mensagens compostas por letras e números. Tipografia, neste contexto, deve ser entendida em um sentido amplo, que inclui caracteres obtidos através de processos que seriam mais bem classificados como letreiramento (pintura, gravação, fundição, etc.) (Farias, 2000), e não apenas aqueles obtidos através dos processos automatizados ou mecânicos.

Para uma leitura sistematizada da paisagem tipográfica, há a necessidade de classificar os diversos tipos de letras ou inscrições nela existentes. O interesse inicial do grupo de pesquisa por aquilo que chamamos de "tipografia arquitetônica" (elementos incorporados ao edifício quando de seu projeto e construção) acabou se revelando insuficiente para a descrição desta paisagem. Outros exemplos de letreiramentos e inscrições encontrados nas fachadas requeriam outras

denominações, como, por exemplo, "tipografia comercial" para os casos de anúncios e letreiros de

lojas. Foi necessária uma reestruturação desta nomenclatura a fim de orientar tanto o atual trabalho quanto pesquisas futuras na mesma área, resultando numa classificação da tipografia urbana que busca abarcar todas as possíveis variações de letras e inscrições na paisagem sob a óptica do design e da arquitetura. Com o objetivo de precisar determinadas categorias, tomou-se de empréstimo, da epigrafia, alguns termos já utilizados em acervos. Segundo Isabel Velásquez² diretora do Archivo Epigráfico Virtual de Hispania³ pertencente à Universidad Complutense de Madrid, a grande quantidade e variedade de inscrições dificulta uma classificação sistemática. Muitas das classificações estabelecidas pelos acervos documentais podem apenas combinar alguns critérios, devido ao fato da inscrição ser um todo integralizado de informações, com estreita relação entre forma (texto e suporte) e conteúdo.

Seguindo uma sugestão de Velásquez, optamos por uma adaptação de alguns termos da classificação apresentada por Calderini (1974), que apresenta: inscrições de caráter literário; inscrições de caráter sacro; de conteúdo jurídico (leis, decretos, etc.); catálogos e documentos administrativos; inscrições em edifícios; inscrições honoríficas; sepulcrais; documentos de corporações profissionais; negótia; graffiti e instrumenta (inscrições em objetos de uso público ou doméstico).

Assim, as paisagens tipográficas seriam formadas por tipos diversos de inserção, evidências históricas com diferentes tempos de permanência, que podem ser divididos entre (Gouveia & Farias, 2007):

1. Tipografia arquitetônica: inscrições perenes, tais como o nome e o número de um prédio, geralmente planejadas e construídas junto com o edifício;
2. Tipografia honorífica: inscrições projetadas para homenagear personagens ou fatos históricos relevantes tais como aquelas presentes em monumentos públicos em geral.
3. Tipografia memorial: inscrições fúnebres encontradas em espaços urbanos circunscritos, tais como lápides em igrejas ou cemitérios.
4. Tipografia de registro: inscrições oficiais de empresas públicas ou privadas, tais como prestadoras de serviços de telefonia e saneamento, geralmente localizadas em grades e tampas.
5. Tipografia artística: manifestações artísticas realizadas sob encomenda, que fazem uso da tipografia, tais como pinturas e esculturas em formato de letras, presentes em algumas cidades.
6. Tipografia normativa: inscrições que configuram sistemas reguladores e informativos do tráfego urbano, tais como sinais de trânsito e placas de logradouro;
7. Tipografia comercial: inscrições efêmeras, tais como aquelas presentes em pontos comerciais, acrescentadas posteriormente aos edifícios, e, na maioria das vezes, substituída periodicamente;
8. Tipografia acidental: inscrições não-oficiais ou não-autorizadas, tais como grafites e pichações, muitas vezes executadas sem planejamento e à revelia da vontade dos arquitetos, construtores e proprietários dos edifícios.

Antecedentes para as investigações sobre algumas das categorias acima citadas sob o enfoque não da epigrafia, mas da história da arte e da arquitetura, bem como da tipografia e do design gráfico podem ser encontrados nas pesquisas feitas por Nicolette Gray (1960, 1986), Alan Bartram (1975), Jock Kinneir (1980), Phil Baines e Catherine Dixon (2003).

² <http://www.ucm.es/info/archiepi/aevh/guia/epigrafia.html>.

³ <http://www.ucm.es/info/archiepi/aevh/feo3.html>.

Segundo Elizangela Dias (2005), epigrafia é o estudo da escrita em materiais sólidos, como madeira, pedra e metal. Outra característica da ciência epigráfica é a localização das inscrições, geralmente em lugares públicos. Logo, durabilidade e perenidade são questões inerentes às estudadas pelos epigrafistas. No entanto, a maioria dos pesquisadores concentra seus esforços em épocas remotas. Restringem-se à antiguidade clássica greco-romana e alguns poucos, segundo Sánchez (2005) ao medieval. A epigrafia é, portanto, uma das ciências que servem para reconstruir o passado.

Donati (2002) explicita e amplia o trabalho do epigrafista. Relata características da extração dos blocos nas pedreiras, explica o uso de siglas, a gravação do texto, o significado cultural dos erros e a razão do bilingüismo de muitas epígrafes romanas em territórios conquistados. Para D'Encarnação (2004), o livro de Donati apresenta as epígrafes como um romance de vidas gravadas em poucas linhas, sobre material durável. A publicação de Donati (2002), assim como algumas mais recentes, traz fotografias das inscrições, algo não muito comum nos títulos da área. Nos tratados mais acadêmicos e tradicionais, e mesmo em alguns acervos digitais disponíveis para consultas na internet, é comum apenas a descrição do texto e os dados básicos de cadastro (localização, data, etc.), sem fotografias. Em poucos casos encontram-se desenhos feitos a partir de decalque ou cópia da inscrição.

O grupo de pesquisa Tipografia Arquitetônica está também empenhado na montagem de um acervo, físico e digital. O primeiro inclui decalques e moldes em resina das inscrições. O acervo digital se constitui em um banco de dados, ao qual todos os pesquisadores têm acesso dentro e fora das instituições de pesquisa. No atual estágio, as informações tabuladas (mais de duzentos edifícios, cerca de cem epígrafes) estão sendo checadas e complementadas.

Sánchez (2005) evidencia a importância de uma atualização dos métodos da epigrafia, bem como dos períodos de levantamento, trazendo-a para a atualidade. Segundo ele, são raros os epigrafistas que pesquisam a modernidade e a contemporaneidade. Manuel Ramírez Sánchez é um pesquisador atuante e, de certa forma, revolucionário, pois propõe uma revisão e atualização dos métodos epigráficos e o estudo mais intenso da epigrafia contemporânea. Leciona na Faculdade de Geografia e História da Universidade de Las Palmas de Gran Canária e tem participado de congressos e escrito diversos artigos.

Através da análise mais detalhada de seu trabalho pode-se perceber que Sánchez se depara com problemas semelhantes aos encontrados pela pesquisa aqui apresentada, que leva em conta, além da informação histórica contida nos dados, também a técnica de gravação da inscrição e suas características formais. Na pesquisa Tipografia Arquitetônica Paulista também há uma preocupação, ainda mais acentuada, com os modos, instrumentos e técnicas de gravação. Para tanto, uma entrevista piloto, não estruturada, foi realizada com dois mestres gravadores, uma em Curitiba (PR), outra em Santos (SP). Com base neste material, um novo questionário foi elaborado, tendo como objetivo o detalhamento (modelos de letras, materiais e ferramentas) da prática da gravação em rocha no período histórico abordado pelo projeto (primeira metade do século XX).

Para o projeto Tipografia Arquitetônica Paulista a forma tem tanta relevância quanto o conteúdo das mensagens epigráficas. No entanto, tradicionalmente, os estudos arqueológicos da epigrafia, costumam dedicar-se mais ao registro e compreensão do conteúdo dos textos do que com a forma e a disposição das letras gravadas. São poucos os pesquisadores que vêem a epígrafe como um objeto de estudo na sua dimensão comunicativa ampla.

Epigrafia no Brasil

Um importante precursor destes estudos no Brasil é o historiador da arte Clarival do Prado Valladares, autor de Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular (Valladares, 1976). O pesquisador realizou detalhado levantamento da epigrafia no estado da Bahia, e a publicação em questão é um dos únicos registros desta pesquisa. Foi possível encontrar um exemplar no Arquivo Público do Estado de São Paulo. O texto eloqüente parece pouco preciso, tendo em vista as atuais abordagens de transcrição. Apesar da relevância histórica e documental da publicação face à incipiente cultura epigráfica no Brasil, sua contribuição à constituição de uma metodologia de levantamento e sistematização de dados é restrita.

Pode-se ainda encontrar referências de levantamentos epigráficos mais antigos. Segundo Mello (1950), consta que em 1887 foi empreendida por Alfredo do Valle-Cabral uma viagem de coleta de elementos epigráficos, comissionada pelo governo imperial. Valle-Cabral recolheu mais de mil inscrições na Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Fernando de Noronha, Paraíba e Rio Grande do Norte. Entre os documentos escritos, além de desenhos, constam algumas fotografias.

Segundo Mello (1950), várias dessas inscrições já não existiam mais na data de publicação do texto, o que aumenta a importância da referida documentação.

A quase inexistência da ciência epigráfica no Brasil, faz crer que muitas informações passam despercebidas pelos historiadores, arquitetos e urbanistas, no que se refere aos dados inscritos no principal elemento constituinte da cidade: o edifício. O projeto de pesquisa Tipografia Arquitetônica Paulistana revela, ainda de forma preliminar, que muitos dos dados - data e autoria dos edifícios, por exemplo - não fazem parte das fichas catalográficas dos órgãos de patrimônio histórico.

Leituras epigráficas da paisagem paulistana

O levantamento e a catalogação das gravações realizadas pelo grupo de pesquisa Tipografia Arquitetônica é realizado através da utilização de fichas e planilhas. A participação de pesquisadores de áreas diversas (arquitetura, design, história, geologia, fotografia) contribuiu para que as fichas destinadas à pesquisa de campo orientassem a coleta de dados de maneira mais ampla do que o simples levantamento de estilos tipográficos cogitado inicialmente. Foram elaboradas quatro fichas:

- *Ficha A: dados sobre a identidade do edifício - nome, endereço, uso atual, referências de localização, nome do arquiteto ou construtora, data de construção, tombamento, etc.*
- *Ficha B: dados sobre a inserção do nome do edifício na portada ou fachada da edificação, com especificações sobre o tipo de letra, composição e materiais utilizados.*
- *Ficha C: dados sobre as epígrafes arquitetônicas, com especificações sobre o tipo de letra, tipo de gravação e caracterização da rocha na qual aparece a inscrição.*
- *Ficha D: dados sobre os demais elementos tipográficos inseridos no edifício, tais como números, caixas de depósito noturno e de correios, denominadas 'objetos e apliques', com especificações sobre o tipo de inserção, tipo de letra, composição e materiais utilizados.*

Todas as fichas possuem uma versão impressa, preenchida em campo, e versão digital, complementada com fotos e desenhos vetorizados. Na ficha de campo também são registrados a data do levantamento e o nome do pesquisador que recolheu os dados.

A estratégia para análise de dados planejada pelo grupo inclui a comparação das proporções e formas encontradas nas fachadas dos edifícios e nos caracteres presentes nas inscrições tipográficas. Tais comparações, contudo, só seriam possíveis a partir de levantamentos métricos e geométricos.

O estudo envolveu, assim, um esforço para complementar as informações, já previstas nas fichas, referentes a estes aspectos. No caso das fachadas, iniciou-se uma busca por plantas originais dos edifícios. No caso dos elementos tipográficos, iniciou-se a criação de desenhos vetoriais a partir dos levantamentos fotográficos em alta resolução.

Algumas fotografias, contudo, mesmo em alta resolução, deixam dúvidas quanto aos limites do relevo das inscrições, dificultando o processo de vetorização. Este problema ocorre principalmente no caso das epígrafes, devido às particularidades de brilho e textura. Decalques (figura 2) com lápis de cera e grafite são realizados para registrar de forma mais direta o relevo das inscrições e assim facilitar o levantamento métrico e geométrico apresentado nas fichas digitais pelos vetores (figura 3).

Figura 2: Decalque da epígrafe encontrada na fachada do antigo BSP. Decalque por Thiago Simão Pacheco.



Figura 3: Ilustração vetorial da epígrafe encontrada na fachada do antigo BSP. Ilustração realizada por Thiago Simão Pacheco.



No que diz respeito às informações sobre as inscrições em rocha relacionadas na ficha C, também são importantes aquelas que dão precisão à caracterização petrográfica, que leva em conta cor, granulação, tratamento e textura. Para um efetivo discernimento por profissional da área de geologia, também são feitas fotografias em alta resolução com escala gráfica anexa (figura 4). Este procedimento também é utilizado por muitos arquivos epigráficos.

Figura 4: Inscrição na fachada do Edifício Direita, Rua Direita 191. Foto de Edney Clemente de Souza.



Figura 5: Detalhe da rocha da inscrição na fachada do Edifício Direita, Rua Direita 191. Foto de Edney Clemente de Souza.



As fotografias, transcrições, decalques e vetores - não apenas das epígrafes arquitetônicas, mas de todas as partes constituintes da fachada - são imprescindíveis em razão da facilidade com que se dá a substituição de determinados elementos arquitetônicos (ferragens, acabamentos, etc.), mesmo em edifícios protegidos por órgãos de defesa do patrimônio histórico. O registro cuidadoso destes elementos de design pode servir de auxílio em processos de restauro e recomposição do patrimônio danificado, permitindo a recuperação do desenho original. Como exemplo, podemos apresentar o caso da troca das portadas do Ed. Santo Elias. Rua Xavier de Toledo, 98, figuras 6 e 7.

Figura 6: Portada do Ed. Santo Elias. Foto de Anna Gouveia. 2003



Figura 7: Portada do Ed. Santo Elias. Foto de Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves. 2006.



Para registrar, por meio de texto, as inscrições e gravações em rocha a que chamamos de “epígrafes arquitetônicas”, a epigrafia auxiliou primeiramente no estabelecimento de um formato padrão. Existem vários sistemas epigráficos de registro textual, porém o mais utilizado é o Leiden, criado em 1931 e utilizado por Bodel (2001). O uso deste sistema permite que o registro seja feito de forma mais padronizada e, consequentemente, torna mais fácil a identificação e a consulta das informações contidas na inscrição pelos pesquisadores. Este sistema é composto por códigos que indicam mudança de linha, de frase, de parágrafo, letras desgastadas, mas ainda legíveis, letras restauradas, omitidas no momento da inscrição, entre outros.

Segundo Woodhead (1981), existem duas formas de transcrever as epígrafes, no que diz respeito às quebras de linhas: o texto pode repetir as quebras de linha que aparecem na inscrição original, ou, caso seja necessário ou conveniente transcrever em uma linha contínua, pode-se usar uma barra vertical “|” para marcar cada quebra de linha, e duas barras “||” a cada 5 linhas. Sendo assim, a epígrafe da figura 8 poderia ser transcrita:

ARCHITECTO
ALVARO BOTELHO
CONSTRUCTORES
SOCIEDADE CONSTRUCTORA E DE IMMOVEIS

ou

ARCHITECTO | ALVARO BOTELHO | CONSTRUCTORES | SOCIEDADE CONSTRUCTORA E DE IMMOVEIS

Figura 8: Epígrafe na fachada Edifício da Secretaria de Juventude Esporte e Lazer, Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, antigo BSP – Banco de São Paulo, na Praça Antônio Prado, 9 e Rua São Bento, 380. Foto de Edney Clemente de Souza.



Obviamente, a transcrição em linha contínua é a melhor forma de transcrever quando o texto está em uma nota ou em planilhas em bancos de dados. Este procedimento evita que a transcrição apresente muitas quebras de linha e ocupe muito espaço vertical. A transcrição em linha contínua é também mais adequada para a transcrição de textos em legendas de fotos. Contudo, segundo Woodhead (1981), a transcrição contínua, apesar de economizar espaço, pode ser tediosa ou confusa, enquanto que a transcrição com quebras de linha permite dar ao leitor uma idéia mais precisa da aparência do texto na rocha.

Outras paisagens tipográficas

Entende-se que uma abordagem metodológica ideal para a investigação das paisagens tipográficas deve necessariamente envolver, além de protocolos criteriosos para a coleta e sistematização de dados, procedimentos coerentes de análise e interpretação. Estes dados devem permitir a identificação de especificidades culturais e a comparação de casos em locais e tempos diferentes.

Desta forma, outros locais começam a ser investigados como possíveis casos para comparação. Alguns levantamentos preliminares foram realizados em outras cidades no Brasil e no exterior. Para esta nova etapa, o grupo conta com um acervo de imagens de inscrições em rocha e outros exemplos de letras inseridas na paisagem urbana, coletadas em Recife (Pernambuco, Brasil), Campinas (São Paulo, Brasil), Buenos Aires (Argentina, figura 9), Santiago (Chile, figura 10), Porto e Lisboa (Portugal), Antuérpia (Bélgica), Delft (Holanda), e Londres (Inglaterra).

Este levantamento preliminar revelou que as epígrafes arquitetônicas ocorrem em maior número em alguns contextos. No Brasil pode-se verificar uma maior incidência na cidade de São Paulo do que em outras localidades. O levantamento realizado em outras capitais de estado, como Rio de Janeiro e Curitiba, não revelaram número significativo de inscrições deste tipo. No exterior, as únicas localidades onde, até o momento, estas inscrições foram encontradas em número e concentração equivalentes ao da cidade de São Paulo, são Buenos Aires (Argentina) e Santiago (Chile).

Figura 9: Epígrafe arquitetônica em edifício em Buenos Aires, Argentina. Foto de Lícia Perote.



Figura 10: Epígrafe arquitetônica em edifício em Santiago, Chile. Foto de André Tavares.



Considerações finais

Se, por um lado, os estudos no campo do design gráfico tendem a privilegiar a análise e a apreciação da forma tipográfica, os estudos em epigrafia tendem a focar seu interesse no conteúdo das mensagens e no significado das mesmas para a sociedade e a cultura. A pesquisa conduzida pelo grupo Tipografia Arquitetônica, procura aproximar esses dois enfoques de modo a potencializar o caráter informativo das inscrições tipográficas na paisagem urbana.

Em função deste objetivo, a pesquisa se apropriou de alguns conceitos e métodos da epigrafia, referentes à classificação, à normatização e à constituição de acervos. Em relação à classificação epigráfica, as diretrizes adotadas pelos epigrafistas auxiliaram numa elaboração de

uma classificação apropriada à tipografia urbana. Quanto à normatização, a adoção do sistema Leiden permitiu uma transcrição de dados mais precisa e rigorosa. O uso do sistema pelo grupo de pesquisadores permitiu, igualmente, uma maior confiabilidade na manipulação e compartilhamento das informações inseridas nas planilhas do banco de dados. Esses procedimentos permitiram a constituição de uma estrutura de registro da tipografia urbana mais abrangente, propiciando a expansão mais consistente e ordenada do acervo.

Demonstra-se, assim, como conceitos de outra área de conhecimento podem ser aplicados ao desenvolvimento de métodos mais precisos de levantamento, sistematização, e catalogação de dados, que podem ser adotados na pesquisa em design da informação. Embora esses procedimentos tenham sido utilizados no caso específico da investigação da tipografia em ambientes urbanos, supõe-se que sua aplicação a objetos de estudo semelhantes possa ser igualmente vantajosa.

Referências bibliográficas

- BAINES, Phil & DIXON, Catherine (2003). *Signs: lettering in the environment*. London: Collins Design.
- BARTRAM, Alan (1975). *Lettering in architecture*. London: Lund Humphries.
- BODEL, John (2001). *Epigraphic evidence: ancient history from inscriptions*. London: Routledge.
- CALDERINI, Aristide (1974). *Epigrafia*. Torino: SEI.
- D'ENCARNAÇÃO, José (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7. Número 1. 2004, p.672-673. Disponível em <http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/RPA/v7n1/folder/22.pdf> Acesso em 12 de março de 2006.
- DIAS, Elizangela Nivardo (2005). *A História, a Codicologia e os Reclames*. HISTÓRICA - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado. nº 4 Agosto.
- DONATI, Angela (2002). *Epigrafia romana: la comunicazione nell'antichità*. Bologna: Il Mulino.
- FARIAS, Priscila L. (2000). *Tipografia digital: o impacto das novas tecnologias*. Série Design. Rio de Janeiro: 2AB.
- GOUVEIA, Anna P. S. & FARIAS, Priscila L. (2007). *Letras e cidades: teorias da percepção aplicadas à leitura do ambiente urbano*. (no prelo)
- GRAY, Nicolette (1960). *Lettering on buildings*. New York: Reinhold.
- GRAY, Nicolette (1986). *A history of lettering: creative experiment and letter identity*. Boston: David R. Godine.
- KINNEIR, Jock (1980). *Words and buildings, the art and practice of public lettering*. London: Architectural Press.
- LYNCH, Kevin (1988). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- MELLO, José Antonio Gonsalves de (1950). *Epigrafia Pernambucana*. *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 jun. Disponível em: <http://bvjagm.fgf.org.br/obra/Imprensa/030404-00012.pdf>. Acesso em 6 de dezembro de 2007.
- SÁNCHEZ, Manuel Ramírez (2005). *El concepto de epigrafia. Consideraciones sobre la necesidad de su ampliación, cincuenta años después*. *Signo. Revista de História de la Cultura Escrita*. 15. Universidad de Alcalá, pp. 47-76.
- VALLADARES, Clarival do Prado (1976). *Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- WOODHEAD, A. Geoffrey (1992). *The Study of Greek Inscriptions*. Norman: University of Oklahoma Press.

Sobre os autores

Anna Paula Silva Gouveia, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Arquiteta e Designer gráfica, Professora do Programa de Pós-graduação em Artes da Unicamp e do Programa de Pós-graduação em Design do Centro Universitário Senac. Coordenadora do grupo de pesquisa Tipografia arquitetônica. Pesquisadora nas áreas de Arquitetura, Desenho Industrial e Comunicação Visual, com ênfase em metodologia de projeto e ensino, desenho, cor e tipografia.

agouveia@sp.senac.br

André Luiz Tavares Pereira, Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor e pesquisador. Pós-doutorando em História na FAU USP, e Doutorando em Artes no Instituto de Artes da Unicamp. Atua principalmente nos seguintes temas: Desenho e História com ênfase em História do Brasil.

andretavarestap@gmail.com

Priscila Lena Farias, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo. Designer gráfica, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Design do Centro Universitário Senac. Coordenadora do grupo de pesquisa Tipografia e Linguagem Gráfica. É organizadora dos livros *Advanced Issues on Cognitive Science and Semiotics* (Shaker Verlag) e *Fontes digitais brasileiras* (Rosari), autora de *Tipografia digital (2ab)*, e de diversos artigos sobre tipografia, design e semiótica.

priscila.lfarias@sp.senac.br

Gabriela Garcia Barreiros, Designer pelo Centro Universitário Senac. Bolsista de iniciação científica de 2005 a 2007, integrante do grupo de pesquisa Tipografia e Linguagem Gráfica.

gabriela.barreiros@gmail.com